


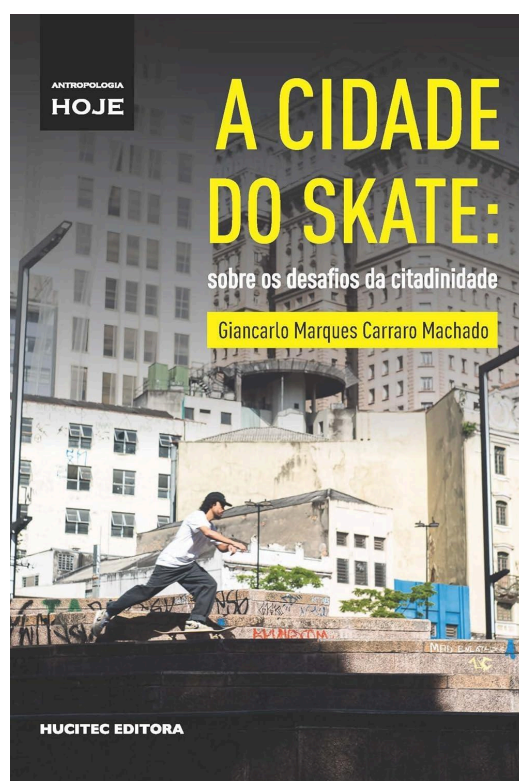
A cidade vivida pelos skatistas paulistanos: sociabilidades e apropriações do urbano

Joanna Munhoz Sevaio 

Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Porto Alegre, RS, Brasil

jmsevaio@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i1pe217527



MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. A Cidade do Skate: sobre os desafios da cidadania. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2022.

Um palimpsesto é uma espécie de pergaminho medieval, no qual textos iam sendo apagados para a escritura de outros. Os textos originais não se apagavam por completo, no entanto, de modo que iam se misturando camadas e vestígios de diferentes escritas. Conforme destacado por Pesavento (2004), a metáfora da cidade como palimpsesto é uma chave analítica interessante para entender como diferentes vivências vão se tramando no decorrer do tempo. A urbe, nesse caso, pode ser considerada obra coletiva em constante transformação - escrita e reescrita a todo tempo, como no artefato medieval.



e217527

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe217527>

O livro *A Cidade do Skate: sobre os desafios da cidadinidade*, que deriva da tese de doutorado de Giancarlo Machado, foi publicado em 2022 como parte da *Coleção Antropologia Hoje*, da Hucitec Editora. Se tomada de empréstimo a metáfora do palimpsesto, é possível dizer que o foco do livro são as marcas deixadas pelos skatistas na cidade, ou as maneiras como eles se apropriam da urbe a partir de suas próprias lógicas. O trabalho foi desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP), com destaque para a inserção de Machado nas discussões do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU/USP).

A pesquisa é resultado de uma profunda imersão etnográfica no universo do skate paulistano empreendida pelo autor, que a partir dessas relações de interlocução também desenvolveu sua dissertação de mestrado (Machado, 2011). É preciso ressaltar que o foco do autor é uma modalidade específica, o *street skate*, que não se limita às técnicas corporais e que situa o skate no âmbito das experiências cidadinas. A rua é o lócus de expressão, é onde a liberdade conduz as práticas e sociabilidades dos skatistas.

Essa lógica de apropriação subversiva da cidade é ancorada na categoria nativa *pico*, acionada no universo do skate para fazer referência tanto a equipamentos urbanos que são convertidos em obstáculos - como bancos e corrimãos - quanto espaços que reúnem inúmeros equipamentos, e que assim favorecem a manutenção de sociabilidades entre os skatistas, as *vivências*. Ora visto como prática indesejada, ora sendo estimulado por seu viés integrativo, o skate revela uma cidade sob constantes disputas - sobre os lugares e quem pode usufruir deles. Através de sua não designação ao que é imposto, seja pelo poder públicos ou por interesses privados, os skatistas são protagonistas de insurgências urbanas que desafiam normas e usos pré-estabelecidos dos espaços públicos.

O livro é organizado em duas partes, cada uma composta por dois capítulos, além de prefácio, introdução e considerações finais. Na introdução, Machado (2022) apresenta a noção de cidadinidade, que é o fio condutor do livro, em diálogo com autores como Michel de Certeau (2009) e Michel Agier (2011). A ideia de cidadinidade alarga as práticas da cidadania, dando enfoque às maneiras de fazer-cidade experimentadas no cotidiano. Nesse caso, são os skatistas os protagonistas dos processos de apropriação dos espaços urbanos. Seguindo a proposta de Agier (2011), o autor desloca a apreensão antropológica da cidade para os cidadãos e suas práticas. É o *olhar skatista* que direciona o processo de fazer-cidade observado, o qual torna-se possível pelo exercício da cidadinidade. Pela evocação da pluralidade dos sentidos do urbano, é a cidade dos skatistas que vai sendo delineada ao longo das páginas, como algo inacabado, um espaço de criatividade e emancipação.

A primeira parte do livro é intitulada *Dinâmicas da cidadinidade*, na qual o autor vai amarrando situações etnográficas que desvelam as dinâmicas relacionais dos skatistas entre si e deles com a cidade. A abordagem situacional, tão cara à antropologia urbana, coloca-nos diante de uma cidade sentida, vivida e em processo (Agier, 2011). É dessa maneira que Machado (2022) apresenta as maneiras de ocupar o espaço urbano, de estabelecer e reivindicar sentidos de pertencimento mobilizadas pelos skatistas no curso de seu cotidiano.

No capítulo 1, *Manobras na Praça Roosevelt: embates em torno da prática do skate*, o autor mobiliza uma série de situações etnográficas para demonstrar as apropriações que os

skatistas fazem deste espaço públicos e os conflitos, tensões e negociações oriundos dessas práticas. A Praça em questão, localizada na região central de São Paulo, foi inaugurada em janeiro de 1970. Depois de décadas sendo estigmatizada como lugar de sociabilidades dos indesejáveis - michês, usuários de drogas, entre outros - foi reformada e reinaugurada em 2012. Mesmo no período de “degradação” da Praça, os skatistas já se faziam presentes por lá. Mas foi com a reforma que a Praça Roosevelt foi consagrada como principal *pico* de São Paulo, aglutinando skatistas das mais variadas origens e idades. As novas estruturas de concreto possibilitaram -

Machado (2022) demonstra como o cruzamento de interesses e perspectivas divergentes sobre como usar a Praça foi configurando embates cotidianos entre seus diferentes usuários. A prática do skate provocava descontentamentos, sobretudo entre os moradores do entorno. Muitas vezes os skatistas foram taxados de vândalos, já que o intenso uso dos equipamentos acaba por eventualmente estragá-los. Ou então foram vistos como ameaça aos transeuntes, dada a possibilidade de atropelamentos. Conforme demonstra o autor, na gestão do ex-prefeito Fernando Haddad (2013-2016) foram promovidos debates públicos visando amenizar os conflitos sobre os usos da praça, o que resultou em medidas como a colocação de placas para delimitar os espaços destinados ao skate, criando certas regras de convivência, e mais tarde na construção de um tipo de pista chamado de *skate plaza*. No entanto, a insubordinação é o que move o *street skate* e a Praça continuou a ser apropriada de acordo os ímpetos

O autor frequentou a Praça Roosevelt assiduamente durante seu trabalho de campo, estabelecendo assim redes de contatos e interlocuções. Mas a experiência de pesquisa de Machado transcende os limites desse *pico* específico. A questão da mobilidade é primordial para entender a lógica cidadina que permeia a prática do *street skate*. No capítulo 2, *Entre a destruição e a criação: quando os skatistas fazem a cidade*, Machado explora outros *picos* quando acompanha os fluxos dos skatistas pela cidade.

Circular pelas ruas de São Paulo e desbravar novos *picos* é uma maneira de conhecer a cidade e de reivindicá-la como um direito, como algo acessível a todos. Entende-se, assim, que a apropriação dos espaços urbanos não responde a percursos estanques. A cidade dos skatistas é fluxo e movimento. É nesse sentido que o regramento excessivo sobre como e onde andar de skate vai na contramão da experiência buscada pelos interlocutores de Machado (2022), o que acontece quando é enfatizada apenas a dimensão esportiva da prática do skate.

Na Zona Leste paulistana, Machado (2022) deparou-se com a vivacidade de um cenário em que o skate figura como uma das práticas urbanas movidas pela valorização da rua como espaço de criação e de experiências coletivas, convivendo com outras expressões urbanas como o rap e o grafitti. Focando no caso do distrito de Cidade Tiradentes, o autor demonstra como a prática do skate configura-se como *manobra* contra a precariedade das zonas periféricas da cidade. Mais especificamente a partir da atuação de um coletivo chamado Love CT, o autor evidencia como os skatistas se colocam na posição de protagonistas dos processos de engajamento com o lugar em que moram, uma experiência de cidadindade que alarga a experiência política dos jovens oriundos da região.

As avenidas Paulista, Faria Lima e Berrini compõem na zona central de São Paulo “paisagens de poder” marcadas pela segregação espacial e simbólica. São estética e arquitetonicamente orientadas para atender aos anseios do capital financeiro e do mercado imobiliário. Nos arranha-céus da região, a dimensão do consumo é valorizada em detrimento de outras experiências citadinas. Mas é também nessas avenidas onde, depois de recentes reformas, há um piso liso que é o sonho de qualquer skatista, conforme os comentários dos interlocutores de Machado (2022). As excelentes condições do piso e a proximidade entre os equipamentos urbanos *skatáveis* fazem da Paulista, da Faria Lima e da Berrini *picos* em disputa e negociação. Lá os skatistas convivem com uma arquitetura hostil à sua presença e com dispositivos de segurança, como seguranças e câmeras. Mas os skatistas encontram *astuciosas* e *teimosas* maneiras de ocupar a região e deixarem suas marcas nas “paisagens de poder”. É nesse sentido que suas *manobras* se tornam repertório de contestação e de apropriação dos lugares da cidade.

A segunda parte do livro, *Enquadramentos da Cidadinidade*, é dedicada a demonstrar certos entraves à perspectiva subversiva que o *street skate* faz pulsar na e pela cidade. Mas, como o autor aponta ao longo do livro, os skatistas sabem manobrar como ninguém e assim vão resistindo nas brechas dos arranjos institucionais e dos processos de cooptação de suas práticas como algo rentável para o setor privado.

O capítulo 3, *Skate, esporte e política: governanças da cidadinidade* traça um panorama de como a prática do skate foi manejada pelo poder público e parceiros do setor privado no decorrer do tempo, abordando os agenciamentos político-urbanísticos que buscam condicionar o skate de rua, de meados da década de 1970 até os dias atuais. O skate chegou a ser proibido pelo prefeito Jânio Quadros, no final da década de 1980. Na gestão seguinte, de Luíza Erundina (1989-1992), a liberação do skate em logradouros públicos foi uma estratégia de diálogo com as demandas da juventude paulistana, mas não houve grandes avanços no que tange à construção de pistas, o que foi uma promessa de campanha. Desde então sucederam-se gestões que variaram em seu comprometimento com as demandas dos skatistas.

No cenário contemporâneo, por mais que possam ser observadas tendências favoráveis à prática do skate em São Paulo, os posicionamentos dos agentes enfatizam a dimensão esportiva do skate, enquadrando-o como esporte passível de regulamentações que não combinam com os ímpetos libertário de quem ocupa as ruas e equipamentos urbanos. Como demonstrado por Machado (2022), as tentativas de enquadrar o skate unicamente como esporte tendem a obliterar os sentidos citadinos dessa prática, o que leva a posições ambivalentes dos interlocutores de Machado em relação ao tema.

O último e quarto capítulo, *A espetacularização da cidadinidade: sobre a cooptação do skate de rua*, trata de como as práticas subversivas do *street skate* têm sido cooptadas pela lógica do mercado. Assumindo as narrativas disruptivas que vêm das ruas como produto, muitas marcas têm investido em sua remodelação para fins midiáticos, consolidando assim estratégias de marketing que cooptam a experiência urbana do skate. A produção de imagens cumpre também um papel fundamental nesse processo de tornar os lugares da cidade um espetáculo a ser consumido, algo rentável, o que ganha maiores proporções com

a popularização da internet. Conforme demonstra Machado (2022), o skate coloca a cidade como arena de disputas, em que se engajam atores públicos e privados.

No decorrer de *A cidade do skate*, Machado (2022) coloca em cena as muitas formas a partir das quais os skatistas se apropriam da cidade, especialmente de São Paulo e seus infindáveis *picos* a serem explorados. O skate, portanto, é um mecanismo ao mesmo tempo prático e simbólico de reivindicação dos espaços urbanos. É como se as práticas transgressoras dos adeptos do *street skate* fossem um grito, para quem quiser ouvir, de que a cidade também é deles. Mas não é só deles, e é aí que reside uma contribuição notável do livro em tela ao campo da antropologia urbana. Para além do cenário analisado, Machado (2022) abre caminhos para a observação do quão multifacetada é a experiência cidadina, sobretudo quando considerada a cidade *praticada* nas brechas da normatividade. Assim como o skate, festas, sambas, ocupações de prédios, carnavais de rua, slams e tantas outras práticas urbanas desafiam modelos de planejamento urbano coercitivos. Voltando à metáfora do palimpsesto, os muitos autores urbanos vão escrevendo em seu cotidiano versões do processo humano e vivo (Agier, 2011) que é a cidade, deixando suas marcas. Tão plural quanto os escritos são as leituras possíveis. Neste texto, foi apresentada a leitura de Machado (2022) acerca das marcas deixadas pelos skatistas no cenário de São Paulo. O livro é um convite e inspiração a todos os pesquisadores que se interessam pelos temas urbanos, uma vez que nas brechas do cotidiano, nas ruas e calçadas das cidades, a vida pulsa e merece ser observada.

Referências Bibliográficas

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 16 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009.
- MACHADO, Giancarlos Marques Carraro. *De “carrinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto”. *Revista Esboços*, v. 11, n. 11, 2004, p. 25-30.

sobre a resenhista

Joanna Munhoz Sevaio

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Compõe o grupo de Antropologia da Economia e da Política (GAEP) - PPGAS/UFRGS.

Autoria: A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Conselho Nacional de
Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Recebido em 23/11/2023.

Aprovado para publicação em 19/03/2024.